

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LUDMILLA GOMES FIGUEIRÓ BASTOS

DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO CONTEXTO ESCOLAR
Uma pesquisa bibliográfica

Tramandaí

2022

LUDMILLA GOMES FIGUEIRÓ BASTOS

DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO CONTEXTO ESCOLAR
Uma pesquisa bibliográfica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Diego Carlos Pereira.

Polo: Balneário Pinhal

Tramandaí

2022

LUDMILLA GOMES FIGUEIRÓ BASTOS

DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO CONTEXTO ESCOLAR: Uma pesquisa
bibliográfica

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia na Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Polo: Balneário Pinhal

Data de aprovação: 10 de outubro de 2022

Banca examinadora

Prof. Dr. Diego Carlos Pereira - Orientador

Universidade Federal Fluminense / Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Graciele Marjana Kraemer

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Esp. Barbara Evitta de Fraga dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à minha mãe que faleceu neste ano, professora Maria Cristina Gomes Figueiró. Psicopedagoga, formada em Pedagogia pela PUCRS e com especialização em pessoas com deficiência intelectual. Quando lembro do dia da Consciência Negra, lembro-me dela sempre empolgada contando a história, criando feiras na escola, estampando camisetas e cartazes com os seus desenhos, dando palestras e vestindo-se a caráter. Sinto-me honrada de ter sido aluna e ter vivenciado esses momentos incríveis durante a minha trajetória escolar. Minha maior fonte de inspiração, de referência, amor, cuidado e dedicação. Nós vencemos.

A todas as pessoas negras que sofreram e ainda sofrem com a discriminação racial.

AGRADECIMENTOS

Escrever uma monografia é um processo solitário, mas não é algo que se consiga fazer sozinha. Eu quero agradecer às pessoas que me acompanharam nesta longa trajetória acadêmica.

À minha mãe que esteve comigo durante todos esses anos de curso, aos meus irmãos, minha tia, minha namorada, minha psicóloga Sâmia e ao meu orientador Diego, que foram fundamentais para que esse processo fosse feito com paciência e dedicação e aos meus amigos mais próximos. Pelo amor, carinho, dedicação, paciência, conselhos, ensinamentos, por não medirem esforços em compreender, incentivar e depositar toda a confiança em mim.

Também quero dar créditos a mim que enfrentei a pior perda da minha vida neste ano tão intenso, ano de muitas realizações e desafios na vida acadêmica e profissional mas, mesmo assim, consegui me manter firme e em busca dos meus objetivos.

Agradeço às crianças, que me ensinaram sobre o simples da vida, sobre zelo, sobre trabalhar e aprender com amor, com o brincar e, principalmente, sobre a discriminação racial e que ninguém nasce racista.

Aos profissionais da Educação que compartilharam seus conhecimentos comigo ao longo desta caminhada para que eu também pudesse conhecer o outro lado, dentro das escolas onde pude vivenciar experiências maravilhosas durante estes quatro anos de Pedagogia.

Tudo o que um sonho precisa para ser realizado é alguém que acredite que ele possa ser realizado.

Roberto Shinyashiki

RESUMO

O presente trabalho tem como tema central a discriminação racial no âmbito escolar. Aborda a identidade de alunos negros no processo de ensino-aprendizagem dentro desse espaço, enfatizando a diferença na quantidade de alunos negros em escolas públicas e privadas e a construção dessa identidade e autoestima negra. Destacamos de forma ampla o racismo no parâmetro escolar, seja esse contido em livros didáticos, no currículo escolar, na sala de aula, etc. O trabalho tem como objetivo central compreender a importância das relações étnico-raciais a serem trabalhadas e desenvolvidas nas escolas, principalmente a identidade negra no processo de ensino-aprendizagem, bem como na construção de cidadania, a influência que exercem na autoestima negra, a omissão existente nas atitudes de alguns educadores em relação à ausência de práticas pedagógicas e metodologias que possibilitem a discussão da diversidade étnica. Acreditamos e somos esperançosos que a educação pode eliminar o preconceito presente na sociedade, e, devido à interação desigual que temos dentro das escolas brasileiras, confiamos que os docentes ali presentes têm todo o direito e dever de intervir quando houver alguma situação contra a identidade da criança negra. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica com artigos, sites, livros, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso publicados entre 1995 e 2022 e que atendiam à proposta desta investigação. Os resultados apontam que a escola contribui à manutenção e permanência do preconceito racial quando não oferece práticas pedagógicas inclusivas que fortaleçam a identidade do aluno negro. Portanto, é necessário que o Currículo seja adequado, contendo uma abordagem da questão étnico-racial através destas práticas educativas inclusivas, que possibilitem a construção identitária do aluno na busca da reversibilidade do preconceito, da discriminação e na formação de novas concepções.

Palavras-chave: Discriminação racial. Racismo. Preconceito. Contexto escolar.

ABSTRACT

The central theme of this paper is racial discrimination in the school environment. It approaches the identity of black students in the teaching-learning process within this space, emphasizing the difference in the quantity of black students in public and private schools and the construction of both this black identity and self-esteem. We broadly highlight racism in the school parameter, be it contained in textbooks, in the school curriculum, in the classroom, etc. The central objective of this work is to understand the importance of ethnic-racial relations to be worked on and developed in schools, especially black identity in the teaching-learning process, as well as in the construction of citizenship, the influence they have on black self-esteem, the current omission in some educators' attitudes regarding the lack of pedagogical practices and methodologies that enable the discussion of ethnic diversity. We believe and are hopeful that education can eliminate the prejudice present in society, and, due to the unequal interaction we have inside Brazilian schools, we trust that the teachers there have every right and duty to intervene when there is any situation against the identity of any black child. To this end, a bibliographic research was carried out with articles, websites, books, theses, dissertations, and course completion papers published between 1995 and 2022 that met the proposal of this research. The results indicate that the school contributes to the maintenance and permanence of racial prejudice whenever it does not offer inclusive pedagogical practices that strengthen black students' identities. Therefore, it is necessary that the school curriculum be adequate, containing an approach to ethnic-racial issues through these inclusive educational practices, which will enable the construction of the student's identity by searching for the reversibility of prejudice, discrimination and the formation of new racial conceptions.

Keywords: Racial discrimination. Racism. Prejudice. School Context.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 JUSTIFICATIVA.....	12
1.2 METODOLOGIA	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 RAÇA, ETNIA E RACISMO	17
2.1.1 Um mundo menos racista.....	18
2.1.2 Representatividade	19
2.2 RACISMO, DESIGUALDADE E IGUALDADE	20
2.3 EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	25
2.4 EDUCAÇÃO INFANTIL E RACISMO.....	26
3 CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, iremos falar sobre a educação antirracista no contexto escolar com a minha observação aqui no município de Porto Alegre. Quando o assunto é o combate ao racismo a partir de uma educação antirracista, é preciso ter em mente a importância de alinhar o discurso e a prática. É fundamental que as crianças recebam exemplos coerentes. É nas escolas que acontecem algumas das primeiras experiências de racismo, pois é na Educação Infantil e Anos Iniciais onde as crianças têm os primeiros contatos com outras crianças de gêneros e etnias diferentes das delas. O que não significa que a escola seja onde a criança tem o primeiro contato com o racismo. O racismo não é só “ser racista com um negro” na escola. Existe aquela piada racista que é feita dentro de casa pelos pais e familiares sem contato com os negros, e nesse momento a criança aprende a ser racista e repete aquela situação na escola quando tem o contato com crianças negras.

Entendemos que a educação antirracista precisa ser ensinada e aplicada cotidianamente desde a Educação Infantil. Geralmente o primeiro contato com a discriminação é em casa, com piadas e comentários preconceituosos. A criança escuta e repete na escola porque, na visão dela, é só uma piada. Por isso a necessidade de falar sobre o racismo em sala de aula. É nessa faixa etária que a criança está mais curiosa e atenta a tudo, começa a questionar coisas o tempo inteiro, então por que não falar sobre racismo? Por que existem escolas que falam da cultura afrodescendente somente no Dia da Consciência Negra?

Durante o cotidiano escolar, vemos as crianças questionarem o cabelo crespo e, ao mesmo tempo que questionam, algumas até comparam o cabelo crespo com cabelo ruim. Afinal, existe cabelo ruim?

A educação antirracista é aquela que promove visibilidade a nós professores e aos alunos, pois temos que ter um olhar mais sensível diante desse contexto racial desigual. A falta de representatividade afeta, pois:

“Não somos todos iguais”. Se pensarmos nas oportunidades de acesso e possibilidades das populações branca e negra no Brasil, veremos que, comparativamente, não somos todos iguais. Ou melhor, *não estamos* todos iguais. (PENINA, 2016)

Ao longo de minha trajetória como aluna, lembro-me muitas vezes que na

escola fiz coisas erradas e meus colegas diziam: “tinha que ser preta mesmo”, como se só negros errassem. Já ouvi muito sobre meu cabelo ser liso, como que ele era tão liso? Teu cabelo é assim mesmo ou tu fazes progressiva? As pessoas ficavam sem graça quando eu respondia que não tinha alisamento, que era assim mesmo. Quando se é criança, não notamos o racismo enraizado em atitudes e palavras de outras pessoas, mas quando crescemos, vemos como isso afeta o nosso comportamento e como somos encaixadas na sociedade. Entrar em uma escola em que tu és a única criança negra afeta o comportamento e o processo de aprendizagem pela falta de representatividade. Aquela criança negra que não vai para escola de cabelo solto nenhuma vez precisa de um olhar mais sensível porque com certeza algum colega disse algo. Eu sei por que já vi quando eu era aluna e vi quando estagiária.

Precisamos oferecer uma educação que ensine a não se envergonhar por ter a pele negra e é isso que vamos ensinar com a educação antirracista na Educação Infantil. Ninguém nasce racista.

Como as crianças vão participar deste debate? É importante que elas reconheçam as diferenças e que saibam verbalizá-las?

Desde cedo elas precisam entender que não há problema em sermos diferentes, todos somos, temos peles, cabelos, olhos e cores diferentes, mesmo assim não existe problema nisso e as diferenças deverão ser valorizadas.

Qual o papel das Instituições de Educação Infantil na vida das crianças? A meu ver, enquanto estagiária, de dois anos para cá, a escola tem uma função social que tem como foco o desenvolvimento e o conhecimento das crianças do cuidar e do educar. Mas o que envolve este cuidar e educar?

Acredito que está envolvido também o humanizar, que faz com que tornemos as crianças cidadãos capazes de respeitar o outro, sem nenhuma forma de discriminação. A discriminação começa com coisas sutis, assim como os lápis de cor e o porquê do salmão ser tratado como cor de pele e o marrom não. Falo isso porque uma aluna do Jardim B perguntou e eu mesma me perguntei o porquê de ser ensinado que salmão era cor de pele.

Para me ajudar a explicar as cores, utilizei os lápis da Faber Castell: Caras&Cores, que inclusive, foram criados justamente com o intuito de diminuir essa discriminação.

Existem poucas pesquisas que dão visibilidade à diversidade étnico-racial na

Educação Infantil. Então, foi feito um compilado de pesquisas bibliográficas junto com as minhas experiências pessoais, desde a minha infância até aqui.

No meu primeiro estágio, em que fiquei dois anos, a escola era Municipal, e havia um equilíbrio no quantitativo de crianças negras e brancas. A cultura afrodescendente era sempre tratada com importância. Já na escola que estou agora, que é particular, não há nenhuma criança negra, e quando entrei só havia uma professora negra, agora somos três da mesma equipe e turma. Assim que entrei, sofri racismo de alguns pais que retiraram seus filhos da minha turma de maternal 2, passando-as para outra turma. O diretor, para não perder aquele aluno, acatou as exigências. Por isso a importância desse assunto logo na Educação Infantil, porque ninguém nasce racista, a pessoa torna-se.

A Educação Infantil é uma etapa muito importante da Educação Básica, posto que serve de base para todo o desenvolvimento do ser, valorizando e criando oportunidades para o seu desenvolvimento enquanto crianças e sujeito de direitos.

O racismo presente na Educação Infantil aparece de forma um pouco distinta daquela encontrada no Ensino Fundamental. Enquanto o desempenho escolar mais baixo das crianças negras é fator identificador do racismo no Ensino Fundamental, na Educação Infantil, o racismo aparece nas relações afetivas e corporais entre adultos e crianças e nas brincadeiras espontâneas destas, já que sabemos que o jogo é uma prática fundamental nessa faixa etária. Mas devemos considerar que essas situações também podem ser encontradas nas crianças e nos adolescentes do ensino fundamental e médio (ABRAMOWICZ, 2006).

O objetivo desta pesquisa é analisar, do ponto de vista bibliográfico, como diversos autores entendem as relações que as crianças e os educadores da Educação Infantil estabelecem diante da diversidade étnico-racial. Visa compreender a importância das relações a serem desenvolvidas e trabalhadas nas escolas e em como as ações implicam o processo de ensino-aprendizagem.

A sociedade brasileira possui uma dívida com a população negra. Sofremos com a má estrutura não somente da escola pública como privada também, com o despreparo da equipe pedagógica em lidar com a diversidade racial. Até porque a escola é um espaço de construção, desconstrução e representações sociais em relação ao gênero, à etnia e à orientação sexual.

Levando em consideração que a questão racial é um tema difícil de ser abordado, principalmente na primeira infância, muitos profissionais acreditam que nessa fase

não há discriminação racial. Nesse sentido, o problema que norteou o nosso plano de ação pode ser formulado a partir da seguinte pergunta: Como ocorrem processos de discriminação racial no cotidiano escolar da primeira infância? Que práticas podem ser mobilizadas em vista do enfrentamento desses processos de discriminação racial já nessa fase? Alguns dos pontos norteadores são: Identificar como os educadores medeiam essas situações; verificar como as crianças estabelecem relações com a diversidade e etnias; descrever o que é o preconceito racial e os estereótipos; argumentar a ideia de racismo na escola e a identidade da criança negra no contexto educacional; tratar questões sobre a representatividade; raça; a autoestima negra; como tudo isso prejudica o processo de ensino-aprendizagem.

1.1 JUSTIFICATIVA

Na história do Brasil, a cultura afro-brasileira e dos afrodescendentes vem sendo omitida, e somente com a homologação da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) esse assunto surgiu nas discussões entre educadores. Por isso, é importante que essa cultura seja enfatizada no currículo escolar, e é importante que todos saibamos a história afro-brasileira. Contudo, eu, como uma estudante universitária afro-brasileira, percebo em minhas experiências diárias que muitas escolas não abordam com tanta importância o Dia da Consciência Negra, por exemplo. Trata-se mais de se preocupar em atender o currículo, do que realmente a Lei se propõe a abordar.

Todo dia vemos na televisão relatos sobre o racismo, mas dificilmente vemos sobre o racismo na escola, por quê? Quantos movimentos foram feitos até que esta Lei chegasse a ser homologada? E resolveu o problema? Não resolveu. A diversidade étnico-racial é um tema bastante discutido no âmbito educacional, mas, às vezes, parece ser apenas discussões por algo que está na “moda educacional”, mas resultados e atitudes são poucas.

Muitos educadores temem este assunto. Munanga (2005) afirma que os educadores:

Na maioria dos casos, praticam a política de avestruz ou sentem pena dos “coitadinhos”, em vez de uma atitude responsável que consistiria, por um lado, em mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral; e por

outro lado, em ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introjetada em detrimento de sua própria natureza humana. (MUNANGA, 2005, p.15)

Ao analisar o livro *O que você pode ler sobre o negro* (LIMA; ROMÃO; SILVEIRA, 1998), observa-se que se trata de um guia de referências sobre a questão dos negros, e, dentre todas as referências contidas no livro, apenas uma delas aborda especificamente a Educação Infantil: o texto de Ronilda Ribeiro, “Ação educacional na construção do novo imaginário infantil sobre África”, mais uma vez, evidenciando a falta de pesquisas sobre o assunto.

É de extrema importância que desde a Educação Infantil as crianças negras não fiquem invisíveis, procurando se encaixar em um padrão embranquecido de beleza. É preciso explicar e mostrar às crianças que não existe cultura negra e cultura branca e sim a cultura brasileira, que é composta por uma diversidade que vai além da negra e da branca. Assim como há diversos tipos de dança, de culinária, de vestimentas, tipos de beleza, tipos de música, mas que nenhum se sobrepõe ao outro.

A discriminação e o racismo afligem a sociedade brasileira, porém, atingem principalmente a população negra, visto que se trata de um grupo étnico que vem sofrendo um processo de desqualificação desde o século XV.

O preconceito racial faz parte da história de um Brasil que tentou durante anos ficar ofuscado. É muito importante levar em conta a singularidade de cada criança, no entanto, se as crianças forem consideradas todas como iguais, novamente será estabelecida uma ideia de um padrão de criança desejado. Nilma Lino Gomes (2003), em uma pesquisa, diz que a escola acaba criando um padrão de beleza e uniformiza as crianças, sendo que, quando uma menina negra entra na escola, ela precisa passar por um ritual para prender seus cabelos todos os dias, porque o racismo sempre começa pelo cabelo. Será que é por estes motivos que as mães optam por raspar os cabelos dos meninos? Qual o sentimento que essas crianças têm do corpo negro e do cabelo crespo?

Ângela Maria dos Santos (2007), em seu artigo *Vozes e Silêncios do Cotidiano Escolar*, salienta que, quando a criança sofre preconceito, sente-se intimidada, envergonhada e com baixa autoestima, o que muitas vezes se torna problema na aprendizagem.

Ser negro, muitas vezes, remete à feiura, na visão de alguns, e os colegas põem apelidos uns nos outros, utilizando estereótipos negativos e, principalmente, comparando-os com animais.

1.2 METODOLOGIA

Para elaborar esta pesquisa, a metodologia utilizada foi a pesquisa de campo, a observação e a pesquisa bibliográfica com análise qualitativa, por proporcionar um contato maior com a realidade. Escolhemos a pesquisa qualitativa porque ela aborda os valores e as relações humanas de um determinado grupo social. Neste caso, a educação antirracista.

O tipo de pesquisa qualitativa escolhida para a realização desse projeto foi o estudo de caso, buscando analisar uma situação específica que é o racismo na educação infantil de maneira bibliográfica aprofundada. Segundo Richardson (1999, p. 90), “a pesquisa qualitativa pode ser considerada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados”.

E, de acordo com a autora Arilda Godoy (1995, p. 21),

a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. [...] o estudo qualitativo pode ser conduzido através de diferentes caminhos.

Deste modo, esta pesquisa envolve a observação da realidade e produções teóricas.

O foco da pesquisa bibliográfica é reunir autores, informações e dados que servirão de base para a construção desta pesquisa. O estudo deste trabalho será fundamentado em ideias de teóricos que apresentam uma importância significativa na construção dos conceitos discutidos nesta análise e na educação antirracista no contexto escolar com a minha observação aqui no município de Porto Alegre. Para isso, o objeto de pesquisa será de fontes secundárias como livros, artigos e textos disponíveis em sites online que abordam a mesma temática.

Para Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Então, afirma-se que ela consiste de um conjunto de informações e dados contidos em documentos publicados, sendo base para a investigação e construção dos estudos que possam colaborar com a pesquisa.

De acordo com Boccato (2006), a pesquisa bibliográfica busca o levantamento e a análise crítica dos documentos publicados sobre o tema a ser pesquisado com intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica é então feita com o intuito de levantar um conhecimento disponível sobre teorias, a fim de analisar, produzir ou explicar um objeto sendo investigado. A pesquisa bibliográfica visa então analisar as principais teorias de um tema, e pode ser realizada com diferentes finalidades. (KAIMEN *et al.*, 2008)

Ademais, utilizamos as produções teóricas de autores como Munanga (2005); Abramowicz (2006) e Nilma Lino Gomes (2003, 2009, 2011), baseado no desenvolvimento e organização desta pesquisa.

Abordamos o racismo no cenário escolar, com a observação direta nos espaços de relações cotidianas desses alunos no âmbito escolar e a pesquisa bibliográfica, levando em consideração meu tempo em sala de aula como estagiária da rede pública e privada. Notei que na rede privada em que estou atualmente não há nenhum aluno negro e somente duas professoras negras. Afirmando que a falta de representatividade afeta sim o desenvolvimento do aluno afrodescendente. O currículo dessa escola em relação à cultura afrodescendente é precário, não há representatividade e essa cultura só é mostrada e aplicada no Dia da Consciência Negra. A escola é um ambiente em que os alunos se relacionam com origens distintas, costumes e condutas diferentes. Nesse sentido, é dever do professor desenvolver o estímulo em relação à pluralidade cultural.

Este método escolhido nos oferece total liberdade na análise, proporcionando verificar realidades e fatos sem um padrão, mas com um leque de possibilidades a respeito da temática.

A educação tem merecido uma atenção especial das entidades negras ao longo dessa trajetória. Ao decorrer desta pesquisa identificamos vários autores que se debruçaram sobre esse tema que é o racismo, como Gonçalves (2011); Lima (2010); Pereira (2008); Domingues (2007) e Silva (2001). Contudo, selecionamos aqueles que consideramos centrais para esta monografia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Pesquisadores têm demonstrado os elementos do racismo que estão presentes no cotidiano escolar, a começar pelos xingamentos e piadinhas em sala de aula entre os alunos, e também pelo posicionamento do professor e o material didático que a escola utiliza. No caso das escolas particulares, por mais que haja um currículo a seguir, a escolha do material é feita pela direção. Em escolas públicas, o governo disponibiliza o material para a escola. Com relação à educação infantil, alguns autores pesquisadores também têm tentado compreender como as crianças podem reproduzir racismo e como o ato de uma professora pode repercutir negativamente um ciclo de rejeição e de inferioridade dos negros em relação aos brancos.

Ninguém nasce odiando outra pessoa por sua cor da pele, sua origem ou sua religião. As pessoas podem aprender a odiar, pode-se ensiná-las a aprender a amar. O amor chega mais naturalmente ao coração humano que ao contrário. (MANDELA, s.d.)

O racismo é um comportamento social porque ele está presente na sociedade desde o início da história da humanidade, infelizmente se faz presente até hoje e se interliga de duas maneiras: individual e institucional. No individual, o racismo se manifesta “por meio de atos discriminatórios cometidos por indivíduos contra outros, podendo atingir níveis externos de violência, como agressões, destruições de bens ou propriedades e assassinatos” (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 180).

O institucional é aplicado através de práticas discriminatórias que muitas vezes são alimentadas direta ou indiretamente pelo Estado, manifestando-se através de isolamento dos afrodescendentes em escolas, empregos, etc. Também se manifesta nos livros didáticos, com a falta de conteúdo sobre a cultura afrodescendente, assim como em programas e publicidades que utilizam negros com imagem estereotipada, mostrando que a mídia insiste em mostrar esta forma de discriminação indevida e equivocada.

Para Grada Kilomba (2019, p. 29), o racismo cotidiano incorpora uma cronologia que é atemporal. Assim, segundo a autora, o racismo que vivemos no cotidiano não pode ser assumido apenas como a reencarnação de um passado colonial, mas uma realidade traumática ainda muito negligenciada.

Os pesquisadores dizem que as duas maneiras interligadas são visíveis dentro do âmbito escolar. Por isso, sempre enfatizam a importância da igualdade

social, estudando dentro das escolas públicas e privadas a cultura afro. Isso porque, na sociedade brasileira, o preconceito racial é representado de forma não clara nas relações sociais onde a maioria não se percebe racista, um ato que muitas vezes é inconsciente, pois fomos culturalmente condicionados a uma herança cultural fundamentada no racismo. Com isso, “o pertencimento racial tem contribuído decisivamente para a estruturação das desigualdades sociais e econômicas” (HENRIQUES, 2001, p. 1).

2.1 RAÇA, ETNIA E RACISMO

Sabemos que a sociedade brasileira possui uma diversidade cultural, étnica e religiosa muito forte, mas que infelizmente é hierarquizada entre brancos e não brancos de uma forma que fiquem superiores ou inferiores uns aos outros. Dessa forma, a sociedade brasileira tem se mostrado uma sociedade excludente, na qual as relações sociais se dão conforme a posição social e racial e isso, conseqüentemente, gera o preconceito racial e social.

Com a herança cultural e hereditária da cor da pele, vieram também os preconceitos e a discriminação, o que faz com que o país, hoje, passe por lutas internas para apagar um passado extremamente racista e garantir a igualdade social.

A escola é uma instituição que forma e representa a sociedade e suas ideologias, portanto, é importante para a formação de mentes e reproduções ideológicas.

O preconceito é um julgamento negativo e prévio que os membros de uma raça, de uma etnia, de um grupo, e uma religião ou mesmo de indivíduos constroem em relação ao outro. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido a qualquer custo, sem levar em conta os que os contestam [...] inclui a relação entre pessoas e grupos humanos e a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro. (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 181-182)

Podemos observar que, em muitos casos, o preconceito ultrapassa os limites pessoais de nós negros, que ao momento que passamos a nos avaliarmos, nos julgamos inferior aos limites impostos pela sociedade contemporânea.

Tenho percebido que no caso brasileiro, essa mistura de povos trouxe uma consequência que foi o aumento de distinções e o processo de desumanização das relações entre brancos e negros, que ao longo dos anos foram se formando e sendo

classificados de acordo com suas condições de sobrevivência.

Segundo Munanga e Gomes (2006, p. 179):

O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor de pele, tipo de cabelo, formato do olho, etc. Ele é resultado da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores a qual se tenta impor como única e verdade.

2.1.1 Um mundo menos racista

Destaco algumas ideias que entendo como necessárias para olharmos as práticas cotidianas, que possam ser utilizadas em casa ou nas instituições escolares que interligam o antirracismo como aliado para colaborar com as crianças.

O que Renato Nogueira e Luciana Alves (2019) consideraram ser as dez teses infantis de combate ao racismo podem ser utilizadas na construção de um pensamento menos racista.

Refletindo em cima dessas dez teses, escolhi algumas que considero mais importantes nessa construção de um pensamento menos racista e um mundo menos racista. Teses que podem ser aplicadas com as crianças no cotidiano escolar e em casa.

São elas:

1. Brincar como modelo irrecusável das relações humanas, com o meio ambiente e outras espécies de gente não humana (tais como cachorros, borboletas, gatos, etc.);
2. Visitar a sua própria cultura como se fosse estrangeira;
3. Inventar práticas políticas antirracistas com os cotidianos;
4. Assumir que o pensamento é sempre afetivo;
5. Viajar por culturas que não sejam a sua própria. (NOGUEIRA; ALVES, 2019, p.19)

São ideias que podem colaborar com todas as pessoas que convivem com crianças pequenas, passando a refletir sobre suas práticas cotidianas. Ações que demonstram que a luta contra o racismo é fundamental para que tenhamos uma sociedade mais inclusiva.

E como nós podemos contribuir com uma sociedade mais inclusiva? Podemos começar admitindo a existência do racismo. Não é nova a ideia de que é necessário admitir a existência do racismo para que consigamos lidar com ele (TRINDADE, 1994; GUIMARÃES, 2004).

Este é um ponto de destaque a fim de que haja uma mudança social em

nosso país, para que nossos valores não se baseiem na superioridade de uma raça sobre a outra. Existe sim o racismo na vida de crianças pequenas e isso precisa ser admitido para que possamos olhar essas crianças negras, como conversamos e como convivemos com elas.

O racismo afeta as experiências de socialização. Nos espaços da educação infantil deve haver a inclusão de materiais e conteúdos que versem sobre a história, cultura e ciência africana e afro-brasileira, assim como considerar o que dizem as crianças negras. Sabemos que vivemos em uma sociedade onde a grande maioria não coloca importância de fato naquilo que a criança verbaliza. Então, achamos importante que, além de ouvir, deve-se considerar o que elas dizem e, sempre que possível, refletir e reorganizar as ações cotidianas, estabelecendo uma relação horizontal entre crianças e adultos. Quando conseguirmos alcançar as crianças negras, significará que teremos criado estratégias sofisticadas de escuta. Ouvir, considerar, fazer parte e tomar parte.

2.1.2 Representatividade

Na minha infância, era raro encontrar bonecas negras ou algo que nos representasse nos brinquedos. Não tive nenhuma e ninguém que tenha passado pela minha infância teve também. As bonecas negras devem fazer parte das brincadeiras das crianças, independente se forem crianças brancas, meninos ou meninas. É importante um brinquedo que pode representar todas as raças, então é importante que as escolas tenham acesso a eles, já que todas as crianças precisam ter este tipo de representatividade diariamente.

Esse cuidado deve partir de nós que podemos escolher os brinquedos, assim como os livros didáticos, de uma forma inclusiva e orientada. São maneiras de incluir práticas antirracistas no nosso cotidiano e no contexto escolar.

Aqui no município de Porto Alegre, a escola municipal em que trabalhei passou a receber uma verba para este tipo de compra, antes recebia somente doações de dentro e fora da comunidade, de livros didáticos e de brinquedos. A cultura afro era bem dialogada, mas esse era o público-alvo maior da escola. Entender as diferenças enquanto criança é de extrema necessidade. Então, havia essa representatividade.

Na minha escola atual da rede privada, pouco é falado sobre a cultura, não há representatividade e nem alunos negros. Não que dificulte a nossa fala, a nossa

prática sobre, mas as crianças precisam de um certo tipo de referência para entender as diferenças e respeitá-las com um todo.

É importante que as escolas que ainda não incluíram a educação das relações étnico-raciais nas práticas pedagógicas o façam, pois é a educação que nos ensina a viver junto e com a diferença. Krenak (2019, p. 16) nos diz:

Definitivamente não somos iguais e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de nos divertirmos uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo.

Assim, uma sociedade que desde cedo aprende a viver junto e compreender as diferenças no convívio com as outras pessoas é uma sociedade menos racista.

2.2 RACISMO, DESIGUALDADE E IGUALDADE

A desigualdade étnico-racial da sociedade brasileira na educação mostra-se através de um racismo “direito” ou uma discriminação “sutil”, mascarada naquele material didático que não possui a cultura afro ou que possui pouco conteúdo da cultura, no trato do professor com os estudantes negros, a falta de representatividade nas escolas. Essas questões têm chamado a atenção de pesquisadores como Munanga (2005), Nilma Lino Gomes (2003) e Néri da Silva (1999).

A pesquisadora Néri da Silva (1999) analisou as relações entre educadoras e crianças nas creches e identificou na postura das professoras elementos sexistas e racistas. Ao reproduzirem na ação educativa os estereótipos presentes na formação e elas reforçarem os mesmos, que são conformados socialmente, isso leva à inferiorização das crianças negras no ambiente escolar. Isso faz com que a escola acabe constituindo-se em mais uma conformação da criança negra num círculo vicioso de sujeição e submissão.

Escola é... o lugar onde se faz amigos não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos...A escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. O diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente. E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”. Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade com ninguém, nada de ser como o

tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se “amarrar nela”! Ora É lógico... numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz. (FREIRE, 2010)

A escola está diretamente ligada à construção da identidade dos seus sujeitos, também definida por comportamentos, atitudes e costumes dos indivíduos que se modificam a partir das relações sociais e pedagógicas no contexto escolar. Pouco tem adiantado garantir lugar para todos nos bancos escolares, como um caminho para combater racismos e intolerâncias, e quase nada conseguirá a introdução de temas relativos à diversidade cultural e social, se pessoas e grupos continuam interagindo em estruturas e padrões viciados por preconceitos e atitudes discriminatórias, e se lhes faltar disposição para que novas relações sejam criadas.

Kilomba (2019, p. 71) entende que

o racismo é muitas vezes visto como um fenômeno periférico, marginal aos padrões essenciais de desenvolvimento da vida social e política e de alguma forma, localizada na superfície de outras coisas, como uma camada de tinta, que pode ser removida facilmente. Essa camada de tinta ilustra a fantasia predominante de que o racismo é algo nas estruturas das relações sociais, mas não um determinante dessas relações. O racismo é visto apenas como uma coisa externa, uma coisa do passado, algo localizado nas margens e não no centro da política.

Para Silva (2001, p. 75), a discriminação racial: “[...] é a materialização da crença racista em atitudes que efetivamente limitam ou impedem o desenvolvimento humano pleno das pessoas pertencentes ao grupo discriminado e mantêm os privilégios dos membros do grupo discriminador à custa do prejuízo dos participantes do grupo discriminado”.

É no espaço escolar, pela própria estrutura, que se reflete a organização da sociedade, e é pela complexidade das relações entre os diferentes sujeitos e grupos sociais que os conflitos e as contradições ocorrem com mais frequência e onde estão presentes as práticas das desigualdades sociais, econômicas, culturais e raciais.

Não precisamos ir longe para perceber a fragilidade que têm as relações étnico-raciais por grande parte da sociedade brasileira e o município de Porto Alegre está entre as cidades mais racistas do Rio Grande do Sul. É só voltarmos o nosso olhar para o dia a dia e veremos que tanto em nós mesmos como nos que estão a nossa volta, os acontecimentos e “deslizes” (podemos nos referir assim à mania

cultural que se tem de preconceituar tudo o que tem ou o que lembra o negro em nossa sociedade), a que diariamente somos atores e espectadores.

A desigualdade no sistema educacional entre brancos e negros fica evidente quando comparamos o acesso à permanência na escola. A exclusão de pessoas negras em instituições escolares não é de agora, este tipo de ataque vem desde o período colonial, passando pelos períodos imperial e republicano, chegando a hoje, aos nossos dias.

Por mais que atualmente tenha tido um aumento e um avanço de forma gradual na escolarização dos afrodescendentes e brancos, quando comparados às condições e trajetórias, sabemos das desigualdades entre os dois grupos étnicos dominantes no país, o branco e o negro. Sendo o segundo grupo onde a desigualdade se revela de forma mais acentuada.

Existem alguns tipos de desigualdade: de não ter acesso ao sistema escolar; a exclusão dentro do próprio sistema; existem acessos a padrões diferentes de qualidade educacional e existe a desigualdade de tratamento – quando estudantes têm acesso a condições muito desiguais da oferta educacional que deveriam ser no mínimo, igual para todos. A consequência de todos esses fatores citados acima é a desigualdade de conhecimentos adquiridos.

Podemos pensar em ações efetivas a fim da diminuição da desigualdade social. Precisamos estar organizados para podermos reivindicar uma escola que tenha uma biblioteca com livros adequados, com todas as histórias, culturas, salas, ambientes, pátios e profissionais acolhedores, bem como professores com formação adequada.

Para isto, é preciso rever o projeto da escola, identificar quais práticas são excludentes e ensinar reconhecendo as diferenças.

Vivemos em um lugar onde as desigualdades entre as pessoas acentuam-se cada vez mais nos campos social, econômico e cultural, e no campo educacional não é diferente, mas a ideia é que temos na educação uma esperança e um caminho para a superação das desigualdades. Apresentando-se com mais força entre a população afrodescendente.

Entretanto, as formas de racismo e preconceito no município de Porto Alegre se dão por algumas maneiras, desde a discriminação sistemática de um indivíduo contra o outro, até a forma de isolamento nos bairros e escolas. Assim, a escola se traduz não apenas na legitimação e justificação de atitudes e comportamentos

racistas, mas a “perpetuação do preconceito racial em nosso país revela a existência de um sistema social racista que possui mecanismos para produzir as desigualdades racistas dentro da sociedade brasileira” (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 20).

Então, o professor deve começar cedo o trabalho de educação antirracista na sala de aula, pois é o espaço onde a criança negra entra em contato com outras crianças e é nesse momento que ela passa a enxergar a si própria através do olhar do outro. Respeitar e entender a diversidade trará bons resultados, contudo, as imagens depreciativas que acontecem no ambiente escolar com as crianças negras geram conflitos internos e sociais pelo resto da vida.

Nas escolas o racismo se manifesta de forma agressiva, humilhante e estereotipando a imagem da pessoa negra. Nem sempre são só os alunos que externam o preconceito racial, também acontece com os professores e as equipes de apoio. Por isso, a escola, enquanto instituição social responsável pela formação e por garantir o direito à educação a todos os cidadãos, deverá se posicionar contra toda e qualquer forma de discriminação. A luta que enfrentamos pela superação do racismo e da discriminação racial é uma tarefa árdua e requer a participação de todos os educadores, independente a qual grupo étnico pertencem.

É comum que professores e alunos presenciem uma situação racista dentro da sala de aula, mas o silêncio também é comum, e muitas vezes constante, nas relações raciais.

Precisam ser trabalhadas dentro das escolas temáticas que valorizem a cultura e a identidade negra, relacionando os livros didáticos e de literatura com heróis e heroínas negras na educação infantil. E, nas séries iniciais, trabalhar o respeito cultural, diverso e digno de cultura de nossos ancestrais com as danças, os jogos e as músicas.

Sobre isso, Munanga (2005) considera que na prática a escola acaba reforçando as situações de racismo e “na maioria das vezes os professores não estão preparados para lidar com as diferenças e que, inclusive, muitos deles se mostram predispostos a não esperar o melhor resultado do estudante negro e pobre”. (MUNANGA, 2005, p.14).

Pouco se fala, mas os apelidos étnico-raciais se tornaram uma prática cotidiana nas escolas brasileiras, a prática perversa não é o destaque, mas sim uma constatação histórica da desconstrução da identidade negra. Segundo Gomes

(2007), os apelidos não são brincadeiras inofensivas, são formas de agir do racismo, onipresentes e fortes.

Quando mencionamos a discriminação étnico-racial nas escolas, nos referimos a práticas discriminatórias preconceituosas, abrangendo um universo composto de relações raciais e pessoais.

Ainda para Gomes (2007), a identidade de um indivíduo tem seu início no processo que se dá a partir do seu olhar para si e do olhar do “outro” para ele. Compreende-se que o processo identitário é tão individual quanto coletivo, e sempre gera conflito. A identidade não só traça a existência de alguém como também direciona a maneira como ele vai socializar. Portanto, a identidade do negro está profundamente ligada à sua relação com seu próprio corpo.

O corpo é o mais sagrado e completo instrumento de comunicação das culturas africanas e afro-brasileiras. Quando abordamos a questão dos apelidos étnico-raciais, a realidade é que estamos falando de racismo. Refere-se a pessoas negras que são chamadas como “Pelé”, “macaco”, “asfalto” e “tição”, que são apelidos de origem pejorativa e essa é uma forma perversa para desumanizar e desqualificar seres humanos.

Também há certos “elogios” que não são apropriados. Quanto a isso Gomes (2007) enfatiza que elogiar negros dizendo que são de “alma branca” ou fazer piada de mau gosto, usando termos como “coisa de preto”, usar eufemismos como “escurinho”, evitando falar a palavra “negro”, são exemplos de como o racismo e o preconceito racial se difundem capilarmente pelas escolas e na sociedade brasileira. Gomes (2007) salienta que o racismo é um problema cultural, moral e que o combate ao racismo passa pelas mudanças de ênfase nas políticas étnico-raciais no ambiente escolar, que é o espaço educativo por excelência. A autora também reforça que os xingamentos étnico-raciais são métodos racistas operando na escola, marcando o corpo afrodescendente de forma estereotipada e negativa, naturalizando e hierarquizando a diferença racial.

Ainda nessa linha de raciocínio, Cavalleiro (2005) destaca que a baixa autoestima dos alunos negros se manifesta quando as crianças negras rejeitam a cor da sua pele.

2.3 EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A ideia de educar para as relações étnico-raciais no Brasil aconteceu a partir de uma determinação legal (Lei 10.639/03) que é destinada a todos os níveis da Educação Básica. O objetivo é promover o reconhecimento e a valorização dos grupos étnicos responsáveis pela formação da sociedade brasileira. Desta forma, a educação para as relações étnico-raciais admite a escola como sendo um espaço fundamental na construção de uma sociedade de iguais, onde se tem respeito ao outro em suas diferenças, orientada por uma prática pedagógica fundamentada no combate ao preconceito e a discriminação racial.

A razão pela qual a educação étnico-racial é de grande importância desde os primeiros anos é que, desde cedo, quando mal orientadas, as crianças são capazes de agir com preconceito com seus colegas e o restante da sociedade.

Essa proposta da educação vem para esclarecer e mostrar as formas de relacionamentos que devem ser impostos no respeito ao outro, independente das diferenças que existem e que possam vir a existir. A escola é o melhor lugar para aprender que as diversidades devem ser tratadas dessa forma, com respeito.

Está escrito no Artigo VII da Declaração Universal dos Direitos Humanos (UNICEF, s.d.): “todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação”.

De acordo com Silva e Santos (2020, p. 668), é fundamental que

[...] os (as) professores (as) reflitam sobre a questão da diversidade étnico-racial de modo a (re)pensarem suas práticas pedagógicas; o que remete à necessidade de que os cursos de formação docente garantam a temática da diversidade e da igualdade étnico-racial em seus currículos.

Ivazaki e Araújo (2018) trazem a contribuição da roda de capoeira para poder abordar a afrobrasilidade, enquanto Souza e Oliveira (2020) falam sobre as possibilidades de um estudo geográfico que envolva a cidadania e a compreensão do espaço e do lugar em uma perspectiva antirracista na Educação Infantil.

Gomes (2003, p. 171) aponta que “[...] construir uma identidade negra positiva em uma sociedade, que historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros”. Então, a formação docente deve voltar-se para auxiliar os

professores nesse processo tão desafiador, contribuindo no estímulo da construção de uma identidade positiva para crianças negras e a valorização das diferenças entre todas as crianças.

2.4 EDUCAÇÃO INFANTIL E RACISMO

A construção da identidade de uma pessoa começa na infância, e as primeiras vivências são extremamente significativas para a construção da autoestima. Levando em conta a sociedade excludente e racista igual a que vivemos, é preciso ter atenção prioritária para a construção da identidade da criança negra. Freitas (2016, p. 44) diz:

A educação infantil constitui-se como a primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, considerando-se as dimensões física, afetiva, intelectual e social. É durante a infância que se inicia o processo de formação da identidade e o descobrimento do “eu”, onde a criança se vê permeada por referências.

Diante desta afirmativa, podemos refletir sobre a importância de um trabalho que consegue envolver uma representatividade positiva que considere a diversidade existente para que as crianças também possam se enxergar e valorizar a autoestima e a autoconfiança.

Freitas (2016); Lima (2019); Santos (2018) e Barbosa (2018) destacam a necessidade de a Educação Infantil realizar esforços para que as crianças, especialmente os negros, tenham as representações que auxiliem na construção da identidade positiva.

O preconceito racial, segundo Almeida (2019, p. 32), “é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias”.

A discriminação racial, por sua vez, pontua Almeida também (2019, p. 32), “é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de um grupo racialmente identificado”. Em outra forma de dizer, a pessoa discriminada recebe um tratamento diferente dos demais sujeitos, o que pode gerar violência e consequências negativas.

Para Silva (2001, p. 75), a discriminação racial:

[...] é a materialização da crença racista em atitudes que impedem o desenvolvimento humano pleno das pessoas pertencentes ao grupo

discriminado e mantém os privilégios dos membros do grupo discriminador à custa do prejuízo dos participantes do grupo discriminado.

Podemos perceber que o preconceito e a discriminação racial sempre se interligam junto ao modo de ser, o modo de pensar e o modo de agir de cada um associado a uma crença coletiva. O racismo se manifesta nas relações interpessoais e institucionais de forma estrutural e sistêmica. Então combater caracteriza-se como uma ação de lidar com o reconhecimento, a valorização e o respeito à diversidade étnica, racial e cultural que compõe a sociedade.

Sabemos que:

As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam uma sociedade justa. (BRASIL, 2004, p.14)

Segundo esse entendimento, desde a primeira década do século XXI, estende-se a função social e política da escola, enquanto espaço de formação para a vida em sociedade. Dentre estas funções, a promoção de uma educação antirracista, que respeite. A escola precisa ser um espaço de desconstrução e não de reprodução do racismo.

Esperamos que esse tipo de educação seja colocado em prática em todas as instituições de ensino. Isso porque a escola é um lugar onde a diversidade é intensa e conflituosa, e ela precisa estar atenta às situações em que o preconceito se faz presente dentro e fora de seus muros.

Cavalleiro (2005, p. 68) observa que:

O sistema educacional brasileiro, da mesma forma que as demais instituições sociais, está repleto de práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas o que gera, em muitos momentos, um cotidiano escolar prejudicial para o desenvolvimento emocional e cognitivo de todas as crianças e adolescentes em especial às consideradas diferentes – com destaque para os pertencentes à população negra.

Sendo assim, se a escola está repleta de situações de discriminação e preconceito, como observa Cavalleiro na citação acima, esperamos que ela proporcione a todos como processo educativo uma ação didática pedagógica, possibilitando uma interação que aprendam uns com os outros. Portanto, a escola

tem o papel de mediar e manter o equilíbrio dos conflitos que ocorrem em seu espaço. Conflitos esses que muitas vezes são silenciados.

3 CONCLUSÃO

O presente trabalho, baseado em algumas vivências pessoais, pesquisas feitas em cima de autores, de teses, livros e artigos, me fez lembrar de momentos da minha infância que estavam apagados e pude ter outra perspectiva do passado, o que me levou a pesquisar com muito mais cuidado e afeto, também sendo o modo de tratamento e postura que tenho em sala de aula.

Pude chegar a algumas considerações que destaco importantes sobre a pesquisa, mas que ainda assim necessitam de mais estudos e pesquisas para generalizar para outros contextos escolares.

Então, sabemos que a escola é uma instituição plural, que deve se atentar a ser receptiva e mostrar-se responsável pelas mudanças de paradigmas vindas das diferentes representações sociais, buscando sempre o respeito a essas diversidades, para que de fato a escola seja um espaço inclusivo para todos.

No entanto, o racismo é um assunto delicado e esse desafio não é uma tarefa fácil, considerando aqueles valores enraizados na nossa sociedade excludente, que rotula ou ignora aqueles que são exceção no contexto.

É na diversidade das salas de aula que encontramos a riqueza que representam as diferenças étnicas, culturais e de ritmos de aprendizagem, possibilitando um trabalho rico para os educadores.

É de fundamental importância que o educador seja um aliado na construção do saber, para a formação de sujeitos protagonistas de sua própria história, de uma convivência respeitosa, humana e igualitária.

Sendo assim, cabe aos profissionais da educação a constituição de práticas nas quais as questões de raça e etnia sejam transversais aos processos pedagógicos. Isso implica a reestruturação do planejamento pedagógico e a inserção gradual de elementos da cultura negra nas ações desenvolvidas no espaço escolar. A educação precisa se distanciar e discordar de currículos e metodologias excludentes e pensar em estratégias pedagógicas que contribuam, de forma legítima, para o respeito e a valorização da autoestima dos alunos negros.

Para isso acontecer, o educador, além do preparo teórico, também precisa estar engajado e dar aos seus educandos o exemplo de luta pela igualdade, com compromisso e através de suas práticas. Deve oportunizar mudanças inovadoras no contexto escolar, construindo novos valores. Pois a escola é um espaço físico onde

se constrói o conhecimento e é um espaço político-social e possui a responsabilidade sobre a formação cidadã de todos aqueles que frequentam um lugar onde se aprende a conviver e respeitar as diferenças e que a diversidade enriquece as inter-relações.

Portanto, a escola tem o dever de se caracterizar como um espaço privilegiado onde haja distanciamento do preconceito racial e a construção da identidade negra, através de práticas pedagógicas inclusivas, possibilitando a autoria e a ressignificação de sua história.

As práticas pedagógicas ainda se estruturam em um processo excludente, de valorização da etnia branca dominante em detrimento da invisibilidade do negro e sua historicidade, pois possuem uma abordagem superficial e fragmentada do preconceito racial em seus currículos e um descaso à importância da construção da autoestima e identidade do aluno negro.

Nesse sentido, entendo a escola ainda como um ambiente discriminatório e racista, não promovendo uma educação igualitária, humanizada e que não favorece a construção da identidade racial de seus alunos negros e, assim, contribui para a reprodução de ações discriminatórias e para a manutenção da hegemonia eurocêntrica dominante.

Paulo Freire (2005) deixa um legado que nos conduz a uma prática pedagógica dialógica e libertadora, distanciando-nos de uma educação elitista e de exclusão, favorecendo uma educação igualitária e democrática, voltada para homens e mulheres que sofrem com a discriminação, possibilitando a todos uma visão crítica do mundo para que possam se inserir nele de forma autônoma e cidadã.

Cabe, portanto, à escola desempenhar uma função social importantíssima na construção de uma educação libertadora, crítica e emancipatória.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. *Trabalhando a diferença na Educação Infantil*. São Paulo: Moderna, 2006.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2019.

ARAÚJO, Jurandir de Almeida; GIUGLIANI, Beatriz. Por uma educação das relações étnico-raciais. *#Tear*. Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v. 3, n. 1, 2014.

BARBOSA, J. S. *As relações étnico-raciais na lei de diretrizes curriculares nacionais para educação infantil: implicações na formação de professores*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/196101>. Acesso em: 28 set. 2022.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, v. 18, n. 3, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 28 set. 2022.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB de 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 25 set. 2022.

BRASIL. *Lei n. 10.639, de 09 de janeiro de 2003*. Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm. Acesso em: 30 abr. 2022.

BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf. Acesso em: 25 set. 2022.

CAVALLEIRO, Eliane. Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 65-104.

DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2022.

FREIRE, Paulo. Poema A Escola. *Rizoma freireano*, 2010. Disponível em: <https://www.rizoma-freireano.org/poema0808/a-escola-paulo-freire>. Acesso em: 25 set. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, L. T. M. Qual o lugar da criança negra na sociedade brasileira? *Scientia Tec: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do IFRS*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 39-52, jun./dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.35819/scientiatec.v3i2.1494>. Acesso em: 28 set. 2022.

FUNDO DE EMERGÊNCIA INTERNACIONAL DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA – UNICEF. *Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 10 de dezembro de 1948*. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 25 set. 2022.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de empresas*, v. 35, p. 20-29, 1995.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2022.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 10, n. 18, p. 133-154, abr. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2011v10n18p133>. Acesso em: 28 set. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro. In: GOMES, Nilma Lino. *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Limites e possibilidades da implementação da Lei 10.639/03 no contexto das políticas públicas em educação. In: PAULA, M.; HERINGER, R. (Org.). *Caminhos convergentes: Estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Heinrich Böll Stiftung; Action Aid, 2009. p. 39-74.

GONÇALVES, L. A. O. Pensar a educação, pensar o racismo no Brasil. In: FONSECA, M. V.; SILVA, C. M. N.; FERNANDES, A. B. (Org.). *Relações étnico-raciais e educação no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. p. 93-144.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, v. 47, n. 1, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/B8QfF5wgK3gzDNdk55vFbnB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2022.

HENRIQUES, Ricardo. Desigualdades raciais no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. *Texto para discussão n. 87*. Brasília: IPEA, 2001. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1968/1/TD_807.pdf. Acesso em: 25 set. 2022.

IVAZAKI, Ana; ARAÚJO, Patrícia. Afrobrasilidade na roda de capoeira: questões raciais no contexto da educação infantil. *Revista Educação Inclusiva*, v. 2, n. 2, p. 51-79, 2018. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REIN/article/view/43/28>. Acesso em: 25 set. 2022.

KAIMEN, Maria Júlia *et al.* *Normas de documentação aplicadas à área de Saúde: Um manual para uso dos Requisitos Uniformes do International Committee of Medical Journal Editors*. Editora E-papers, 2008.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação - Episódios De Racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Ivan Costa Lima; ROMÃO, Jeruse; SILVEIRA, Sônia Maria (Org). *O que você pode ler sobre o negro - Guia de referências bibliográficas*. Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros (NEN), 1998.

LIMA, I. C. Trajetos históricos das pedagogias promovidas pelo movimento negro no Brasil. In: NOGUEIRA, J. C.; PASSOS, J.; SILVA, V. B. M. *Negros no Brasil: política, cultura e pedagogias*. Florianópolis: Atilênde, 2010. p. 3-63.

LIMA, V. N. *Representações sociais da cultura afro-brasileira, do aluno negro e suas implicações pedagógicas em Fagundes-PB*. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unidade Acadêmica de Educação, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019. Disponível em: http://www.ppged.ufcg.edu.br/images/7/7f/Valeska_Nogueira_de_Lima_PPGEd_UF_CG_Disserta%C3%A7%C3%A3o_2019.pdf. Acesso em: 28 set. 2022.

MANDELA, Nelson. *Ninguém nasce odiando outra pessoa pela... Nelson Mandela. Pensador*, s.d.

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: MUNANGA, K. (Org.). *Superando o Racismo na escola*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *Para entender o negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.

NERI DA SILVA, V. L. da. Os estereótipos racistas e sexistas no imaginário de educadoras infantis: suas implicações no cotidiano escolar. In: LIMA, I. *et al* (Org.). *Os negros e a escola brasileira*. Florianópolis: NEN, 1999.

NOGUEIRA, Renato; ALVES, Luciana. *Infâncias diante do racismo: teses para um*

bom combate. *Educação e Realidade*, v. 44, n. 2, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623688362> . Acesso em: 23 set. 2022.

PENINA, Mayara. 'É na escola que acontecem as primeiras experiências de racismo'. Entrevista com Ana Cristina Juvenal da Cruz. *Lunetas*, 17 nov. 2016. Disponível em: <https://lunetas.com.br/e-na-escola-que-acontecem-as-primeiras-experiencias-de-racismo/>. Acesso em: 22 set. 2022.

PEREIRA, A. M. *Trajetórias e perspectivas do movimento negro brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Ângela Maria dos. Vozes e silêncio do cotidiano escolar: as relações raciais entre alunos negros e não-negros. In: MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues; COSTA, Candida Soares da. *Educação e relações raciais*. v. 4. Cuiabá: FAPEMAT, 2007.

SANTOS, A. *Educação das relações étnico-raciais na creche: espaço-ambiente em foco*. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/10277>. Acesso em: 28 set. 2022.

SILVA, Maria Aparecida. Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SILVA, Marta Regina Paulo; SANTOS, Cleia Souza. A literatura afro-brasileira em um Centro de Educação Infantil do município de São Paulo. *Revista Cocar*, v. 14, n. 28, p. 664-680, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3143>. Acesso em: 25 set. 2022.

SOUZA, Lorena Francisco de; OLIVEIRA, Ilma Martins Alves de. O ensino das relações étnico-raciais a partir de conteúdos geográficos: possibilidades na educação infantil. *Revista Científica de Educação*, v. 5, n. 1, 2020. Disponível em: <https://seer.facmais.edu.br/rc/index.php/RCE/article/view/63>. Acesso em: 25 set. 2022.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. *O racismo no cotidiano escolar*. 1994. 249 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/8948>. Acesso em: 28 set. 2022.